

## As disputas de poder narradas em *Becos da Memória*

### The power struggles narrated in *Becos da Memória*

Izaneete Marques Souza\*

**RESUMO:** O objetivo deste artigo centra-se na busca, em *Becos da memória*, de marcadores semânticos que podem remeter o leitor aos períodos da repressão no Brasil, haja vista que a escrita dessa narrativa ficcional coincide com o final desse período governamental e com a década inicial da redemocratização brasileira. Este estudo se deu a partir da análise temática de conteúdo e nos levou ao termo “defavelamento”, o qual é discutido à luz de estudos das ciências sociais e de teóricas/os da literatura, principalmente sobre a Ditadura Civil Militar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura negra; memória; poder.

**ABSTRACT:** The objective of this text focuses on the search, in *Becos da Memória*, for semantic markers that can refer the reader to the periods of repression in Brazil, why that the writing of this fictional narrative coincides with the end of this governmental period and with the initial decade of Brazilian redemocratization. This study was based on thematic content analysis and led us to the term “defavelamento”, which is discussed in the light of studies in the social sciences and literature theorists, mainly on the Civil-Military Dictatorship.

**KEYWORDS:** Black literature; memory; power.

*Sonho que é uma vontade grande de o melhor acontecer.  
Sonho que é a gente não acreditar no que vê e inventar  
para os olhos o que a gente não vê.  
(EVARISTO, 2017, p. 39.)*

## 1 Literatura e poder

A literatura enquanto objeto artístico tem múltiplas facetas sociais. Para alguns/algumas artistas é fonte de sobrevivência, para outros/as é fonte de análise e de denúncia dos problemas sociais que nos cerca. Para os/as escritores negros/as, a exemplo de Conceição Evaristo, nascida em 1946, na capital de

---

\* Doutoranda em Letras/Literatura/Escrita Criativa pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra em Educação e Diversidade pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia. Professora no Instituto Federal Baiano. Líder do GEPEDET – Grupo de Pesquisa em Educação, Diversidade, Linguagens e Tecnologias (IF Baiano/CNPq). E-mail: iza.mar.souz@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2066374419038733>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9202-1228>.

Minas Gerais, é uma forma de escrevivência simultaneamente individual e de uma coletividade social e afetiva.

Historicamente, a obra literária apresenta-se como um objeto de poder social, uma vez que surge e, por muito tempo, mantém-se restrita aos círculos sociais da nobreza ou de classes sociais de alto poder aquisitivo. No caso do Brasil, precursores da literatura negro-brasileira (Luiz Gama, Cruz e Sousa, Lima Barreto) inauguram uma escrita criativa que focaliza a valorização da identidade negra nacional, contudo, mesclam essa atitude discursiva com as características dos movimentos artísticos de autoria branca, a exemplo do Romantismo e do que se convencionou chamar de Pré-Modernismo (CUTI, 2010).

Sucessora de escritoras como Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo dá continuidade ao que ela convencionou chamar de escrevivência, um conceito que destaca a alteridade da escrita negro literária brasileira porque apresenta uma construção artística da realidade vivenciada pela maioria da população negra no Brasil. Isso traduz a representação de vivências individuais, porém representativas de uma coletividade étnico-racial, uma vez que “a produção literária de negros e brancos, abordando [...] relações inter-raciais, tem vieses diferentes por conta da subjetividade que a sustenta, em outras palavras, pelo lugar socioideológico de onde esses as produzem” (CUTI, 2010, pp. 26-27). Portanto, é com o viés ideológico da literatura negro-brasileira que faremos o estudo das relações de poder narradas no livro *Becos da memória* de Conceição Evaristo.

## **2 Conceição Evaristo e o despertar de um novo fazer literário**

Autora de diversos contos e poemas publicados nos *Cadernos Negros* e em diversas coletâneas, Conceição Evaristo tem como publicações solas os romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*, os livros de contos *Olhos d'água*, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, *Histórias de leves enganos e parecenças*, o livro de poesias *Poemas da recordação e outros movimentos*. Ex-moradora de uma favela da zona sul de Belo Horizonte, a Pindura Saia, trilhou o percurso profissional de doméstica à escritora, professora e doutora em Literatura Comparada.

Como artista literária, sempre escreveu com o compromisso da militância antirracista e com a implicabilidade cabível a uma mulher preta integrante de movimentos e associações negras como a Kilombhoje. Ela iniciou a sua escrita literária ainda nos anos finais do ensino fundamental com o texto que resultou na publicação da crônica *Samba Favela*, em 1968, no Diário Católico de Belo Horizonte e em seguida na Revista Católica do Rio Grande do Sul. No depoimento de seus irmãos, em vídeo produzido para a *Ocupação* no espaço Itaú Cultural (2017), eles afirmam que desde criança ela já escrevia e guardava seus textos em cadernos e na memória, sempre que a mudança não lhe permitia levá-los.

A autora considera esse texto, *Samba Favela*, uma prévia do romance *Becos da memória*, livro escrito entre as décadas de 1970 e 1980, que teve a sua primeira publicação apenas em 2006, pela editora Mazza. Antes, ela lançou ao público diversos contos e poemas em antologias múltiplas, desde 1990. Em 2003, veio o romance *Ponciá Vicêncio*. A segunda edição ocorreu em 2013, pela editora Mulheres, e a terceira em 2017, pela Pallas – versão com a qual trabalharemos neste artigo.

Já nos agradecimentos dessa edição, Conceição Evaristo reitera o seu reconhecimento ao papel dos leitores, cúmplices na espera da publicação, frustrada por várias negativas editoriais. Em sua obra, ela não se refere diretamente à Ditadura Civil Militar, contudo, durante a análise do livro busquei compreender a semântica dessa narrativa no sentido de verificar se havia, ou não, categorias temáticas que pudessem remeter o leitor aos resultados da repressão política e cultural que o Brasil vivenciou de 1964 a 1985 e que resultou na censura de várias obras artísticas por serem consideradas, pelo regime civil militar, como subversivas.

No tocante à demora em publicar *Becos da memória*, a autora afirma ter experimentado um receio pessoal à rejeição de sua escrita autoral negra. Metaforicamente, diz que este e outros manuscritos acostumaram-se ao esquecimento.

Ressalto ainda a cumplicidade e o desejo do Altair Evaristo Vitorino, meu irmão (o Zinho) que ilustrou o livro e criou a capa para a publicação, que não aconteceu, em 1988. A essas e a outras pessoas que foram surgindo ao longo da trajetória do livro renovo meus agradecimentos. (EVARISTO, 2017, p. 7.)

A edição de 2017 acrescenta três importantes textos ao romance: uma apresentação escrita pela própria Conceição Evaristo cujo título é “Da construção de becos”. Nela, a autora afirma que o livro nasceu antes de *Ponciá Vicêncio*, entre os anos de 1987 e 1988: “Foi o meu primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência” (EVARISTO, 2017, p. 8). Acrescentam-se a terceira edição dois posfácios: “A força das palavras, da memória e da narrativa”, de Simone Pereira Schmidt e “Costurando uma colcha de memórias”, de Maria Nazareth Soares Fonseca (p. 148-153).

Ambas atentam para o papel que o plano de desfavelamento exerce na narrativa, o que comprovei ao me debruçar sobre o processo produtivo dessa obra:

Enquanto se desenrolam as histórias dos personagens, a grande tensão que une todas as suas experiências é o crescente processo de desfavelamento, que culminará por expulsá-los a todos do único lugar a que pertencem, e que, supostamente, também lhes pertencia. (SCHMIDT, 2017, p. 145.)

A miséria extrema que impele à luta diária pela sobrevivência convive com as políticas de desfavelamento que expulsam moradores miseráveis para lugares longínquos em que a vida será, certamente, ainda mais difícil. (FONSECA, 2017, p. 151.)

*Becos da memória* é um livro bastante analisado nos círculos acadêmicos, tanto em trabalhos de mestrado quanto de doutorado. Ao pesquisar em periódicos da CAPES,<sup>1</sup> por exemplo, o nome do livro associado à autora, obtivemos, em 23/06/2022, 66 resultados. Contudo, o foco recorrente é a identidade, ainda que geográfica e espacialmente localizada, associando essa representação das identidades negras à prática da escrituragem inaugurada por Carolina Maria de Jesus, como também constataram as pesquisadoras Regina Dalcastagnè (2014) e Lívia Natália (2020). Os resultados até aqui encontrados não apontaram para nenhum estudo que buscasse descortinar elementos da

---

<sup>1</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação no Brasil.

repressão política e cultural que marcou o período da Ditadura Civil Militar no Brasil.<sup>2</sup>

Desse modo, o objetivo aqui centra-se na busca, em *Becos da memória*, de marcadores semânticos que podem remeter o leitor aos períodos da Ditadura Civil Militar no Brasil, haja vista que a escrita dessa narrativa ficcional coincide com o período final desse regime de governo e com os anos 1980. Outro aspecto a ser considerado é o fato de a autora ter nascido em 1946. Isso me levou a inferir que ela pode estar no limiar das suas escrevivências, sendo, contudo, cautelosa ao produzir a sua escrita para não chamar a atenção dos órgãos de censura política e cultural que atuaram oficialmente até 1974.

Outro aspecto a ser observado é o de que as informações acerca dos documentos federativos – a exemplo da emissão do Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968 e sua revogação assinada em 13 de outubro de 1978, pelo também militar e presidente da República, à época, Ernesto Geisel – até hoje chegam tardiamente aos integrantes das classes populares e trabalhadoras. Ainda no século XXI, muito desse conhecimento jurídico é omitido, estruturalmente,<sup>3</sup> da população que compõe a base da pirâmide social.

Assim, a metodologia de pesquisa ora utilizada foi a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2016), que priorizou a categorização temática, através das três etapas básicas cujos métodos são: pré-análise, momento de releitura do romance no qual observei a sobressalência das expressões becos e desfavelamento; exploração do material, com a realização de buscas diretas de palavras do campo semântico da Ditadura Civil Militar, a exemplo de arma, guerra, repressão; tratamento e interpretação dos resultados, através da qual

---

<sup>2</sup> O CPDOC | FGV • Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil nos apresenta o verbete temático a seguir: “REVOLUÇÃO DE 1964: Movimento político-militar deflagrado em 31 de março de 1964 com o objetivo de depor o governo do presidente João Goulart. Sua vitória acarretou profundas modificações na organização política do país, bem como na vida econômica e social. Todos os cinco presidentes militares que se sucederam desde então declararam-se herdeiros e continuadores da Revolução de 1964”. Neste artigo tomamos esse período como sinônimo de golpe e ditadura militar. Ver: Golpe de 1964 | CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (fgv.br). Acesso em 02 jul. 2022.

<sup>3</sup> A concepção de omissão estrutural aqui refere-se à constatação de que, nos regimes de governo baseados na hierarquia, há uma tradição de só divulgar parte das informações, preferencialmente aquelas que atendam aos objetivos de concentração de poder nas mãos dos grupos que compõem o topo da pirâmide social.

identifiquei a categoria desfavelamento como pertencente ao período da repressão por estar diretamente ligada à remoção dos moradores das favelas situadas nos grandes centros para áreas periféricas da cidade e cuja existência está diretamente ligada ao projeto desenvolvimentista dos governos militares no Brasil.

Segundo Claudinei José Gomes Campos [...] “é compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento”. A professora Laurence Bardin [...] define como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Como procedimento de pesquisa a análise do conteúdo está a serviço das análises em pesquisas qualitativas e dentro do campo analítico da hermenêutica. (SOUZA; MALACHIAS; RIOS; SILVA, 2018, p. 18.)

Nessa etapa de levantamento de categorias conceituais, as palavras beco (56x) e desfavelamento (20x) são as de maior ocorrência na edição de 2017 do livro *Becos da memória*. Em seguida aparecem guerra (10x), arma (8x), policiais (7x), greve (6x), emprego (4x), subversivo (2x) e represália (2x). A palavra militar aparece apenas uma vez.

Assim, a categoria semântica do desfavelamento, achado através da pesquisa qualitativa metodologicamente concretizada pela análise de conteúdo de Bardin (2011), se revela a partir das cenas de narrativa em flashbacks das personagens planas, denominadas de Tio Totó, de Vó e de Bondade, por exemplo.

Segundo Pedro Gonzaga e Jane Tutikian (2015), o conceito de personagem plana pressupõe aquela cuja existência viabiliza a existência da personagem redonda, geralmente chamada de personagem principal. Mas também é aquela personagem sem muita complexidade, mas essencial para o desenrolar de um enredo complexo, inovador e sedutor para quem lê.

Assim, é possível considerar a existência de mais de uma personagem plana. As que citei acima alimentam a existência da personagem redonda Maria-Nova e a discussão das violências sofridas pela população negra periférica, que nos permite relacioná-la com o período da Ditadura Civil Militar. Essa, sob um discurso de modernização, urbanização e progresso, expulsou muitos moradores das áreas ocupadas por favelas para entregá-las a organismos do setor privado. Maria-Nova tem sua existência alimentada pelas histórias contadas por Tio Totó,

mas também pela cumplicidade com Beto, filho de Ditinha, pelo amor e pela interrogação acerca da convivência da Vó com a Outra. Pela vida na favela e pelo desfavelamento dos mais velhos que ali chegaram.

Contudo, essa discussão é mais uma entre as possibilidades de leitura construídas nos princípios da concepção de que a significação do texto literário não se constrói sem a participação do leitor, sujeito cultural. Na mesma direção, o objetivo da autora, explicitado em seus livros, entrevistas e reflexões teóricas sempre foi o de fazer a escrivência de comunidades negras, nunca de discutir a Ditadura Civil Militar. Suas narrativas focam inicialmente as relações de poder que permeiam a convivência entre a branquitude e a negritude.

### **3 Desfavelamento e poder**

O desfavelamento usado nas cidades brasileiras tem se revelado como uma expressão do poder exercido pelas classes dominantes, representantes do topo da pirâmide capitalista sobre a classe proletária. Assim como em Belo Horizonte, ainda no século XIX, a cidade é pensada para a capitalização e os trabalhadores da construção civil usados como construtores do espaço urbano não só no ato de edificar prédios e casas, mas também para valorizar áreas desabitadas e depois serem transferidos para áreas periféricas ou simplesmente serem expulsos com parapeiros incertos.

Não há poder sem repressão, mas, mais do que isso, é possível afirmar que a repressão é de fato a alma do poder. As formas que ele adota revelam sua mais profunda intimidade, uma intimidade que, precisamente por ser capaz de escancarar o poder, torná-lo óbvio [...]. (CALVEIRO, 2015, p. 43.)

Com esta afirmação, Calveiro (2015) identificou a repressão, na Argentina e no Brasil, calcada em um discurso de progresso e/ou de salvação da nação. As forças militares historicamente tomaram o poder da democracia colocando-se como heróis e repressores das forças antagônicas, subversivas, que não aceitavam passivamente as arbitrariedades cometidas pelo e em nome do Estado. No entanto, é preciso repensar as concepções de arbitrariedade e de antagonismo até aqui utilizadas.

Barros (2021) nos apresenta um panorama desse exercício de poder repressor na cidade de Fortaleza (CE), onde, na década de 1970, o Estado também fez uso do chamado plano de desfavelamento nos mesmos moldes que aconteceram em Brasília: “O Programa de desfavelamento intencionava apagar os resquícios de pobreza das áreas centrais, nobres e turísticas de Fortaleza, por eles serem considerados entraves ao desenvolvimento urbano” (BARROS, 2021, p. 4), tudo sob um discurso de modernidade, urbanização, progresso.

[...] durante a década de 1970, a capital cearense despejou, removeu e erradicou muitas comunidades, sobretudo, aquelas que estavam localizadas em áreas de alto valor imobiliário, turístico, viário e urbanístico. No discurso, os administradores da cidade pretendiam e planejavam uma cidade moderna e desenvolvida, bem como uma paisagem urbana digna de ser observada, admirada e experimentada por seus visitantes e moradores (BARROS, 2021, p. 4).

Nesta citação de Barros (2021) podemos confirmar o exercício de um poder simbólico do Estado e do topo da pirâmide social sobre o proletariado de quem lhes interessa exclusivamente a sua força de trabalho de modo a ampliar o capital de quem já tem e negar aos que não têm o direito à moradia, à educação, à água, à cidade. É um poder simbólico manifesto através de instrumentos de conhecimento e de comunicação a fim de construir uma realidade calcada em uma pseudo-ordem, especialmente social (BOURDIEU, 1989). É nesta perspectiva que a narradora de *Becos da memória* nos apresenta os atos de repressão vivenciados pelos moradores da favela Pindura Saia, nas décadas de 1970 e 1980.

#### **4 Narração da repressão na obra de Conceição Evaristo**

Neste trabalho, tomarei a análise da repressão na obra como uma estratégia para dizer que coaduna com o princípio de que o “trabalho de investigação e divulgação do que ocorreu nos porões da ditadura é um dever de memória em relação às vítimas, a seus familiares e à sociedade em geral” (FIGUEIREDO, 2017, p. 13). Pioneira nos estudos da literatura como arquivo da ditadura, Figueiredo (2017) analisa, através do texto literário, obras que trazem à memória, na atualidade, as representações dos horrores infracionários dos



direitos humanos, cometidos sob a autorização do Estado no período da Ditadura Civil Militar no Brasil (1964-1985) e no período pós ditadura. Ela faz isso na vertente da busca de reconhecimento do assassinato dos desaparecidos políticos, civis que ousaram lutar ideologicamente contra tal regime.

Concordo com o filósofo Paul Ricœur, que aponta para o dever de memória como “o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não a si” (RICOEUR, *apud* FIGUEIREDO, 2017, p. 13). Entendo que tão importante quanto rememorar e lutar por justiça em relação aos desaparecidos políticos é rememorar as ações decorrentes dos projetos de governo dos períodos de repressão. Sob um discurso de benfeitorias sociais aos menos favorecidos, de um progresso modernizador, esses governos ampliaram os processos de exclusão. Com a remoção de moradores de áreas periféricas das cidades para entregar o lugar a representantes do setor privado ou capitalizar a utilização dos espaços urbanos, negaram e ainda negam aos desbravadores o direito à cidade (ALMEIDA, 2018). Cenas construídas como realidade ficcional em *Becos da memória*:

O plano de desfavelamento também aborrecia e confundia a todos. Havia um ano que a coisa estava acontecendo. A favela era grande e haveria de durar muito mais. Dava a impressão de que nem eles sabiam direito porque estavam erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez. (EVARISTO, 2017, p. 90.)

A narrativa ficcional em *Becos da memória* é ambientada em uma favela existente desde 1932, conhecida como Pindura Saia, da qual são remanescentes outras três favelas, hoje em tamanhos bem menores e denominadas de vilas. São elas a homônima Pindura Saia, a Vila Fumec e a Vila de Santa Isabel.<sup>4</sup> Na vida real, estão localizadas em uma área comercialmente valorizada de Belo Horizonte, cercadas por bairros de classe média alta, além de casas comerciais, com 51 domicílios, segundo o censo de 2010 (MELO, 2012). Na escrivência dos becos de Evaristo (2017) mantém-se esse ambiente e recriam-se as cenas.

---

<sup>4</sup> Segundo Melo (2012, p. 11), “em Belo Horizonte adotou-se a nomenclatura Vila para retirar do termo favela sua conotação negativa. Vila em Belo Horizonte é sinônimo de favela, salvo raras exceções”.

Através de um jogo linguístico harmonioso a narradora joga com as concepções físico-geográficas das palavras beco e desfavelamento. O desfavelamento como beco sem saída que levou à morte de todos os integrantes da família Zica, encomendada pelo Coronel Jovelino que, assim como o Estado, não sabia exatamente o que construir no espaço ocupado pelas favelas. No entanto, sabia que precisava tirar *aquela* gente dali e usurpar suas terras. Pouco lhe importava se para isso “as águas do Rio das Mortes calavam um segredo que era delas, do Coronel e de seus capangas” (EVARISTO, 2017, p.45).

O *Homem* aos poucos ia descobrindo o segredo e calando como o Rio das Mortes. O rio que recebia os corpos da família Zica, o rio que levou a esposa e a filha de Tio Totó, Miquilina e Catita. O desfavelamento que fez dolorido o coração de Bondade, do Tio Totó e de algumas crianças. O desfavelamento constituiu parte das narrativas de Maria-Nova, como pedras pontiagudas, fincadas pelas histórias de Maria-Velha e de Tio Totó. Interligadas pelos processos vivenciados no êxodo do século XX, do século XVI, de antes disso, conectadas pelas águas do mar-rio África-Brasil.

Em *Becos da memória*, a narradora traça todas as etapas descritas pelas pesquisas sobre os projetos das remoções das favelas dos centros urbanos apresentadas por Melo (2012), Almeida (2018), Soares (2007), Silva (2016), Alves e Meda (2018), Litwinski e Aranha (2015) e Guimarães (1992): os agentes do Estado iam às comunidades, faziam medições, entrevistaram moradores, desapropriaram áreas a preços miseráveis ou em troca de tábuas. Elas seriam usadas para a construção de novos barracos em espaços geográficos bastante afastados da cidade, tudo sob a justificativa de um planejamento: “As famílias estavam mudando havia um ano, mas, tempo antes, já havia a ameaça de tudo que iria acontecer. De tempos em tempos, apareciam por lá engenheiros para medir a área” (EVARISTO, 2017, p. 90).

Essa abordagem narrativa começa na página 20 do livro: “Bondade sofreu muito com o desfavelamento. Ele, Tio Totó, Maria-Nova e algumas crianças foram talvez os que naquela época traziam o coração mais dolorido” (EVARISTO, 2017, p. 20), quando algumas personagens são apresentadas como as que provavelmente mais sofreram com o desfavelamento da área da Pindura Saia,

favela habitada por diversas lavadeiras. Logo pela manhã preenchiam os varais com as saias das patroas que moravam nas cercanias da comunidade e com quem negociavam, nessa narrativa ficcional, uma convivência amistosa:

Vocês banquem a nossa festa junina, deem-nos as sobras de suas riquezas, oportunidades de trabalho para nossas mulheres e filhas e, antes de tudo, deem-nos água, quando faltar aqui na favela. Respeitem nosso local, nunca venham com plano de desfavelamento, que nós também não arrombaremos a casa de vocês. Assim, a vida seguia aparentemente tranquila. E dois grupos tão diversos teciam, desta forma, uma política da boa vizinhança. (EVARISTO, 2017, p. 37.)

No entanto, nessa relação de força e poder, as moradoras das favelas eram sempre as pessoas mais prejudicadas, porque recebiam pagamentos indignos pelos serviços prestados. Isso ocasionava insegurança alimentar nas suas residências. Seus barracos, que já eram insalubres, se tornavam cada vez piores com a ação do tempo e a falta de recursos para reformá-los. A favela lograva a gritante ausência de saneamento básico.

A autora Berenice Guimarães [...] define os termos cafuas, barracos e barracões. Cafuas são construções de barro cobertas de capim. Barracos são construções com tábuas de madeira cobertas de capim ou de zinco. Cafuas e barracos poderiam localizar-se em áreas invadidas ou não. Barracões são construções de alvenaria e cobertura de zinco, geralmente localizadas nos fundos de construção existente (MELO, 2012, p. 18).

Imaginemos o nível de calor no verão e de frio no inverno vivenciado pelos moradores de barracos e barracões cobertos de zinco! Analisando pelo campo ético e jurídico, qual deveria ser a ação do Estado? Remover esses moradores à custa de indenizações irrisórias que lhes impossibilitaria a aquisição de novos terrenos, ainda que em áreas afastadas da cidade? Pagá-los com algumas tábuas, um pouco de tijolos? Ou promover melhorias sanitárias nas favelas de modo a potencializar a permanência e qualidade de vida dos integrantes daquelas comunidades? A narradora responde a esses questionamentos com a seguinte problematização:

Cada família que saía, era uma confirmação de que chegaria a nossa vez. Ofereciam duas opções ao morador: um pouco de material, tábuas e alguns tijolos para que ele construísse outro barracão num lugar qualquer, ou uma indenização simbólica, um pouco de dinheiro. A última opção era pior. Quem optasse pelo dinheiro recebia uma quantia tão irrisória, que acabava sendo gasta ali mesmo. Depois vinha o pior,

decorrido o prazo de permanência, nem o dinheiro, nem as tábuas, nem os tijolos, só o nada. (EVARISTO, 2017, p. 55.)

Nesse sentido, Almeida (2018) chama a atenção para a ação das classes dominantes sobre o proletariado, usurpando-lhe o direito à cidade e seus benefícios – como a moradia digna, o acesso à educação, aos serviços comerciais e de saúde pública, o direito ao trabalho para a manutenção das suas necessidades básicas – em prol do conforto de uma minoria que acaba lucrando inclusive com os novos povoamentos através do loteamento de antigas fazendas financiáveis apenas para aqueles que possuem a renda mínima estabelecida pelo mercado habitacional financiado pelo Estado, quando deveria beneficiar a população proletária com as moradias. População essa que é forçada a sair de seus espaços residenciais sob escolta policial ou de agentes da segurança das empresas que se tornam as novas proprietárias dos espaços fundiários até então habitados:

Umás duas semanas depois que a comitiva esteve na firma construtora exigindo a retirada dos tratores parados, novos tratores chegaram. Chegaram bravios, recomeçando o trabalho. Só se ouvia barulho e sentia poeira. O desfavelamento recomeçava. Todos aqueles que já tivessem recebido as tábuas e tijolos ou a quantia de dinheiro oferecida pela firma construtora deveriam desocupar o beco. (EVARISTO, 2017, p. 63.)

O beco é uma metáfora plurissemântica recorrente nessa narrativa ficcional, pois ora representa as ruelas sem saída próprias das favelas, ora o local da emboscada, ora as lembranças, alegrias, dores e revoltas sentidas e vivenciadas pelos moradores à medida em que as famílias eram removidas de Pindura Saia. O beco representava os conflitos sociais que permeavam a luta pela sobrevivência em um espaço periférico ladeado por bairros de classe média alta:

Desde a morte dos homens-vadios-meninos não se ouvia mais falar em desfavelamento. Já haviam-se passado quase quatro meses. Os tratores estavam no mesmo lugar, de pernas para cima. Chovera muito nos últimos dias, viera depois o sol. (EVARISTO, 2017, p. 62.)

O beco representava ainda a consciência da desigualdade social entre patroas e empregadas. Essa discrepância levou a personagem Ditinha a usurpar um broche da patroa, a ser presa. Nessa cena ela se autodeprecia ainda mais como ser social. Após o furto, foi chamada de “falsa doméstica”, uma representação

metafórica dos processos de desprofissionalização, de desvalorização do trabalho da classe proletária. Francisco Noa (2010, p. 92) afirmou que “em diferentes momentos, a literatura brasileira será também responsável pelos processos de desocultação [...] de silenciamento: os negros e o exército difuso e multiforme de desfavorecidos.”

A obra de Conceição Evaristo, especialmente *Becos da memória*, enreda-se numa polifonia que desoculta a dor que corroía o peito de Ditinha dentro da narrativa ficcional. Essa dor não nascia com o desejo pela pedra verde do broche. Este broche, na cor da esperança, escondido entre o peito e a blusa, era a metáfora da constatação de que o lixo alimentar da patroa representava uma farta e rica refeição na casa dos moradores da favela. O beco representava a consciência política e a tristeza pelas injustiças contidas no plano de desfavelamento a cada recomeço:

[...] Não era para menos, o desfavelamento recomeçara. E recomeçara bravo. Os homens exigiam a saída rapidamente dos moradores. Que se ajuntassem logo os trapos! Quem escolhia os tijolos e as tábuas, pelo menos, tinha um pouco de material que permitia erguer um barraco em outra favela qualquer. Vó Rita viu o caminhão sumir. Em duas semanas, mais de cinquenta famílias que já tinham recebido a ordem de despejo antes da morte dos homens-vadios-meninos, tiveram de sair rapidamente. Quem havia escolhido o dinheiro, já havia gasto tudo e a situação estava pior. (EVARISTO, 2017, p. 66.)

A tese de doutorado da antropóloga Berenice Martins Guimarães<sup>5</sup> foi o estudo que se destacou como o mais completo sobre a favela Pindura Saia e remanescentes. O seu artigo publicado nos anais do GT 31 da ANPOCS foi o que mais explicitamente nos confirmou a hipótese de que o desfavelamento era, na narrativa de *Becos da memória*, a referência direta ao período da Ditadura Civil Militar, independentemente da intencionalidade da autora, pois não devemos esquecer que a literatura, como obra de arte, não tem todos os seus significados pensados por quem a produz. Retomando o aspecto polifônico da ficção, enfatizado por Francisco Noa, acrescenta-se que “a voz ou as vozes que se fazem

---

<sup>5</sup> O texto da *Cafuas, barracos e barracões: Belo Horizonte, cidade planejada*; 1991; Tese (Doutorado em Programa de Pós-graduação em Sociologia - IUPERJ) - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) não foi localizado nas plataformas online pesquisadas. Por isso, cito apenas os seus artigos.

ouvir em um romance constroem-se com os elementos intra e intertextuais bem como com as dinâmicas extratextuais que traduzir visões de mundo” (NOA, 2010, p. 87). Muitas vezes, significados jamais planejados pela/o escritora/o são identificados pelo/a leitor/a a partir de sua experiência ou contexto de vida, seja pessoal, comunitária ou acadêmica.

Os artigos de Guimarães (2001a; 2001b; 2015) disponibilizaram dados de uma pesquisa integrada que analisa a realidade das favelas em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo, realizadas entre 1980 e 1991 e de 1991 a 1996. Os resultados demonstraram a perpetuação das condições insalubres dessas comunidades e o aumento em seu número nas capitais consideradas mais ricas.

Para essa pesquisadora, além das condições insalubres, há uma subnotificação das favelas nos dados censitários do IBGE. Seus estudos afirmam que essa incongruência é decorrente dos critérios estabelecidos pelo IBGE – critérios que influenciam no registro de 70% a 90% de casas faveladas. Ou seja, as habitações que não atendem aos apontamentos mínimos presentes nas regras de recenseamento não são contabilizadas, o que as leva ao *status* de inexistentes. Sua pesquisa sinalizou a permanência da falta de acesso à água e ao esgotamento sanitário, ainda que em menor escala. Essa ausência é também explicitada na ficção de Conceição Evaristo: “Ficava na espreita, colocava a lata na fila da água [...]” (EVARISTO, 2017, p. 12).

O medo de ser expulso do único lugar que tinham como seu fazia com que as personagens deixassem de perceber e de sensibilizar-se com alguns problemas dos vizinhos, a exemplo dos crimes de violência física e de aborto cometidos por Dona Santina em relação à sua nora Custódia. O medo da repressão até hoje embrutece o ser humano, brutalidade muitas vezes usada como uma estratégia de autodefesa e de sobrevivência.

Custódia não entendia por que Dona Santina fizera aquilo. Bem que falavam que Dona Santina, apesar da Bíblia, era muito má. Toda vez que Custódia ficava de barriga, a sogra tornava-se sua inimiga. Os vizinhos nem notavam. Todo mundo pensava só no desfavelamento que recomeçara. Tonho, quando soube, bebeu e bebeu mais ainda. A sogra percebeu que a nora estava perdendo sangue. (EVARISTO, 2017, p. 66.)

A violência citada acima é um trecho da cena em que Dona Santana bateu na barriga de Custódia até que ela abortou a criança que já estava formatada para o nascimento. É representativa da violência geralmente apontada como uma característica atribuída às favelas, tomando a concepção destas como comunidades residenciais sem infraestrutura fornecida pelo Estado e constituída a partir da chegada de trabalhadores nas metrópoles cujos governantes pensavam a urbanização para as classes média e alta, mas ignoravam a classe proletária.

A narrativa de *Becos da memória* dialoga, entre outras obras, com o romance *O fantasma de Luís Buñuel*, de Maria José Silveira, que apresenta a história de cinco estudantes da UnB – Universidade de Brasília – que se reencontravam periodicamente para falar de cinema. Logo no início do romance, a personagem Edu rememora os casos contados por seu Severo, “Conversador como bom nordestino, repentista, [...]” (SILVEIRA, 2013, p. 57).

No capítulo, “1968 – Edu: a noite do princípio”, seu Severo conta, dentre outros, o caso que ficou conhecido como o massacre da Pacheco Fernandes – uma das empresas construtoras de Brasília em que um trabalhador teria protestado contra a péssima comida que lhe foi oferecida como jantar, seus colegas entraram na reivindicação na tentativa de não o deixar ser preso. Isso resultou no massacre de diversos trabalhadores cujos corpos até hoje não foram localizados:

Muitos dizem que o reforço<sup>6</sup> chegou em silêncio, os soldados com as metralhadoras prontas. Outros dizem que eram fuzis, que eles não tinham metralhadora. [...] chegaram deitados na carroceria do caminhão, para que ninguém os visse. Saíram de lá atirando. Sem nada perguntar, entraram como se enfrentassem um motim nos alojamentos onde muita gente dormia, gente que foi ferida ou morreu ali mesmo, na cama. Outros foram despertados com violência e colocados em fila, mãos na cabeça, espancados, humilhados. Os mortos, outra vez num caminhão, foram – dizem – transportados para uma vala no meio do cerrado. (SILVEIRA, 2013, p. 57.)

Nesse romance de Maria José Silveira (2013) identificamos a raiz do tratamento dado aos trabalhadores da classe proletária que ousam reivindicar seus direitos e que constituem as favelas nas cercanias do Distrito Federal no entorno temporal de 1959. Ao fim da construção da cidade projetada por Oscar Niemeyer, já percebemos a privação do direito à cidade aos integrantes das

---

<sup>6</sup> Reforço da GEB – Guarda Especial de Brasília.

classes proletarizadas como algo de interesse da elite brasileira e a reprodução dos modelos de urbanização do século XIX, utilizados na construção de Belo Horizonte.

Na condição de cientista social, Guimarães (1992) nos apresentou um histórico das favelas em Belo Horizonte e desse plano de desfavelamento que surge nas gestões dos governos ditatoriais. Nesse artigo, “Favelas em Belo Horizonte: tendências e desafios”, que é fruto da sua tese de doutorado *Cafuas, Barracos e Barracões: Belo Horizonte, cidade planejada*, a autora nos ajudou a entender em que medida esse desfavelamento favorecia ou interessava às elites brasileiras. No campo literário, Francisco Noa (2010) destaca o papel desvelador das vozes ocultadas nesse processo de omissão do Estado em relação aos trabalhadores.

A capital mineira foi inaugurada em 1897 e em 1895 já contava com duas áreas de ocupação<sup>7</sup> com uma população de cerca de três mil pessoas. Segundo Guimarães (1992), o projeto de construção de Belo Horizonte não incluía um projeto habitacional para os trabalhadores da construção civil, assim como a construção de Brasília, citada acima, também não. Na ausência da ação do Estado, a população de trabalhadores que necessitava de abrigo para as suas famílias e para os seus momentos de folga do alojamento ocupava espaços que não possuíam nenhuma infraestrutura, formando o que depois se denominou de favela e, posteriormente, de vila.

Ainda de acordo com Guimarães (1992), o poder público, preocupado em garantir mão de obra para a construção da capital, chegou a estimular essas ocupações próximas aos canteiros de obras; contudo, em 1902, promoveu a primeira remoção de favelas (desfavelamento) para a Área Operária. Esse espaço físico-geográfico não contemplou a quantidade de trabalhadores que adentrava a cidade e novas ocupações, seguidas de remoções, ocorreram:

Dentro do caráter segregacionista e elitista imposto ao processo de ocupação do solo, a presença da população pobre na parte central da cidade passa a ser considerada indesejável, tornando-se cada vez mais claro o lugar que cabia às pessoas na nova Capital: as elites, o centro, e

---

<sup>7</sup> Guimarães (1992) utiliza o termo invasão. Contudo, utilizo aqui ocupação, porque é a concepção utilizada pelos movimentos sociais e de direitos humanos no sentido de que áreas desabitadas são ocupadas por pessoas que não têm onde morar.



a população pobre e trabalhadora – a periferia, que foi sendo ocupada desordenadamente. (GUIMARÃES, 1992, p. 3)

Quando lemos e relemos as entrevistas e demais textos de Conceição Evaristo, entendemos o quão violento foi o processo de remoção da favela Pindura Saia e das demais, distribuídas pelo país inteiro.<sup>8</sup> A área que essa autora observa no vídeo gravado para a exposição *Ocupação Conceição Evaristo* na Fundação Itaú Cultural (2017) mostra um espaço cercado com varas e arames e não ocupado. Nessa imagem, ela fazia um esforço para rememorar a localização de sua antiga moradia. Isso reafirma a percepção de que em alguns momentos as remoções objetivavam exclusivamente a retirada, das proximidades do centro da cidade, de tudo aquilo que representava a pobreza. Isso sinaliza a valorização do progresso urbano tão marcante nos governos civis militares. Independentemente de saber ou não quem ocuparia aqueles espaços, as favelas continuavam sendo removidas. Vejamos uma cena da narrativa literária que trata dessa incerteza no livro *Becos da memória*:

Não se sabia se os pretensos donos seriam de uma companhia particular ou se gente do governo. Vinha o medo. E quando o plano de desfavelamento aconteceu na prática é que fomos descobrir que os pretensos donos éramos nós. Eles, sim, é que eram os donos verdadeiros ou se portavam como tais. Nós, cada qual ajuntava seus trapos e, mesmo estando com o coração cheio de dor, mesmo estando com o coração cheio de rancor, partíamos. (EVARISTO, 2017, p. 90.)

Essa citação nos remete novamente a Guimarães (1992): o poder público permitia a ocupação e, tão logo a área era valorizada, removia as favelas. A população se dividia entre os que aceitavam residir nas novas áreas a eles designadas pela prefeitura e os que se resistiam ao atendimento dessa ordem municipal – estes formavam novas favelas, em locais próximos aos que eles moravam antes da desocupação.

Esse fenômeno explica a existência das remanescentes da Pindura Saia, citadas na introdução deste texto, que sobrevivem na contemporaneidade, simbolizando as “emoções confusas [que] tomavam conta de Maria-Nova [...]”

---

<sup>8</sup> Reitero a afirmação de que a construção da obra não se deu com foco no desfavelamento. Essa categoria é resultado de uma entre as diversas possibilidades de leitura do texto.

menina [que] procurava se equilibrar em meio de tantos acontecimentos” (EVARISTO, 2017, p. 105).

A partir dos anos de 1930 (Belo Horizonte foi fundada no século XIX, enquanto Brasília fundou-se no século na década de 1960), novos modelos de modernização e de planejamento urbano surgiram e, nesse sentido, a prefeitura de Belo Horizonte começou a remover inclusive as favelas afastadas dos centros urbanos. A justificativa dessa vez era a necessidade de executar obras de urbanismo e de saneamento de interesse da coletividade (GUIMARÃES, 1992).

Mas de qual coletividade? A classe trabalhadora, proletária, moradora das favelas não constituía parte desta coletividade? A narradora de *Becos da memória* marca, através da personagem Filó Gazogênia, essa depreciação do trabalhador proletário, o qual só tem para sobreviver a sua força de trabalho:

Um dia, foi visitar Filó Gazogênia, que já estava doente. Ela havia chegado à favela na mesma época que ele. Chegou ainda com o marido, forte, sacudidona. Agora, [...] ela sentia tanto medo do desfavelamento que nem gostava de falar sobre o assunto. (EVARISTO, 2017, p. 91.)

Paralela a essa nova concepção de modernização, também surgiu a associação da periculosidade sanitária e criminal aos ambientes das favelas. Tal discriminação, preconceito, falta de compromisso político são denúncias características da linguagem ficcional de Conceição Evaristo, na maioria de suas obras. Vejamos na cena abaixo como aparece a linguagem encurralada dos becos da memória da narradora, a digressão que constrói a imagem de uma história aparente e de uma oculta uma vez que os moradores se sentiam:

Ameaçados, ou melhor, confrontados diante do desfavelamento, um desânimo [...]. Como o tempo de chuva corria meses sem tréguas, o bicho pesadão fora obrigado a parar o trabalho e havia saído da favela. E então, no frio da noite, podíamos nos sentir aliviados e esperançosos. Quem sabe ele não voltaria nunca? Quem sabe a favela seria realmente nossa? Dos muitos que já haviam partido, tínhamos notícia de que não estavam bem. Sonhávamos. Caso o plano de desfavelamento fosse suspenso, apesar de a ida deles ter acontecido há mais de um ano, quem sabe, poderiam até voltar... (EVARISTO, 2017, p. 108.)

A afirmação utópica na construção linguística “Sonhávamos”, destaca a digressão presente ao longo do romance evaristiano que denuncia a ausência do cumprimento do dever dos gestores públicos. Ao mesmo tempo, possibilita ao/à

leitor/a, a construção das imagens narradas como se as tivesse observando naquele exato momento da degustação artística.

Somente nos anos de 1940 a prefeitura de Belo Horizonte passou a olhar para as favelas como destinatárias de políticas públicas. Isso foi resultado da organização das associações como as Uniões de Defesa Coletiva e a Federação dos Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte. Essa e outras narrativas de Evaristo, inclusive o livro de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (EVARISTO, 2016), constroem cenas que podem remeter o leitor à percepção de que a conquista da alteridade, ou os caminhos trilhados para o empoderamento referem-se ao processo de “pensar práticas e discursos políticos contestatórios” (BERTH, 2019, p. 46) do racismo estrutural.

Entre 1945 e 1964 houve um conjunto de ações que Guimarães (1992) chamou de contraditório, pois ao mesmo tempo em que deu continuidade à política de remoção das favelas, usando inclusive o corte no fornecimento de água e luz para forçar a saída dos moradores, houve um crescente apoio da prefeitura às associações através da destinação de verbas e de assessoria técnica. Algo no estilo antitético narrado em *Becos da memória*:

A chuva impedia o sol, mas dentro de muitos, de Tio Totó, de Maria-Nova, de Bondade e principalmente das crianças, um sonho ingênuo brincava no coração deles. Uma réstia de luz, um sol esperançoso, de que o território em que estava plantada a vida de todos poderia ser para sempre deles.

A chuva parou e o sol voltou como uma ameaça. A firma construtora responsável pelo desfavelamento, por representantes, mandou-nos um aviso. “Quem estivesse com o barracão derrubado pelas águas das chuvas, que não tentasse reerguê-lo novamente. Seria um trabalho perdido. Brevemente todos nós seríamos despedidos”. (EVARISTO, 2017, pp. 108-109.)

O jogo linguístico construído através das palavras chuva e sol nos revela a imagem do embate semântico, ao mesmo tempo intimista, vivenciado até hoje pelos moradores: a ausência de prioridade na execução de políticas públicas destinadas à população das favelas brasileiras permite a vivência dos alagamentos, desmoronamentos, ausência de infraestrutura e o constante êxodo. Tal migração acontece via remoção, sob o pretexto de melhorias da vida urbana que exclui o povo favelado, sob a justificativa da necessidade de promoção de segurança contra os desabamentos.

No conto “O profeta”, de Samuel Rawet (1988), o narrador em terceira pessoa nos apresenta um homem diaspórico que retorna a sua terra após o exílio decorrente da guerra nazista, profundamente arraigado aos velhos costumes e que, por isso, se decepciona ao encontrar uma família culturalmente hibridizada, evoluída economicamente e cuja língua ele não domina porque foi feito exilado ainda na infância, em um país ao qual ele imaginava não ter se afiliado, mas descobriu nesse retorno que a identidade cultural não é herança, mas uma construção social contínua. No livro *Becos da memória*, esse retorno é marcado pela digressão que constrói a imagem de migrantes diaspóricos. Essa diáspora é sempre marcada pela diferença e pelo desejo de retorno se não à terra originária, pelo menos às bases culturais (HALL, 2003).

O profeta, na narrativa de Samuel Rawet (1988), representa para a sua família desconhecida o diferente, o estrangeiro, sentimento que é recíproco dele para com seus familiares, excetuando o sobrinho-neto cuja alegria pueril ainda não foi contaminada pelas regras socialmente construídas. Em Conceição Evaristo, Maria-Nova é essa figura pueril, que vai amadurecendo aos poucos, sem perder a capacidade de sonhar. Essa utopia é alimentada pelas histórias contadas por Tio Totó.

O profeta é um ícone da tradição judaica. Aquele que deveria ser respeitado, admirado, reverenciado; contudo, no conto de Samuel Rawet (1988), o que ele consegue no Brasil é o estranhamento, resultante da sua tentativa esdrúxula de manter-se fiel à cultura de seu povo originário. Essa mesma causa, aliada ao não domínio da língua que deveria ser sua primeira o faz um exótico, um diferente diante de seus familiares judaicos. Em *Becos da memória*, a diferença é marcada pela variação da língua portuguesa. O povo da favela usa e entende a linguagem coloquial e o valor da ética selada através da palavra de honra. Os agentes públicos entendem a linguagem jurídica e a usam em desfavor dos moradores da comunidade de Pindura Saia.

A dor do exílio não foi superada pelo profeta de Samuel Rawet (1988) e, em decorrência disso, a personagem não conseguiu vivenciar a realidade de prosperidade econômica que se tornou a marca identitária de seu povo, tanto dos que se mantiveram no exílio quanto daqueles que se fizeram retornados. Em um ato de inovação narrativa, porém representativa de um número significativo de

peessoas diaspóricas, opta por regressar à terra da sua diáspora. A solidão na terra estrangeira lhe parece menos dolorosa do que a solidão em família. Conceição Evaristo nos apresenta um povo migrante que se mantém em união, em solidariedade, em comunhão, inclusive, quando separados geograficamente. Contudo, o progresso financeiro não alcançou suas personagens.

De forma simples e ao mesmo tempo complexa, o narrador do conto “O profeta” desenrola a história centrada nos efeitos psicossociais do Totalitarismo (Nazismo e Fascismo) e das tentativas de extermínio do povo judeu: desterritorialização geográfica e cultural, traumas, a discordância com o “perdão” e com a união ao povo descendente de seus algozes, a vivência do não-lugar aqui (terra em que foi acolhido como estrangeiro) e lá (terra natal que agora o coloca no lugar de estrangeiro).

Na perspectiva do empoderamento como a concretização de práticas e discursos contestatórios, “em 1963 é realizado o primeiro Seminário Nacional de Habitação e Reforma Urbana no país que propôs a definição de uma política nacional de habitação popular” (Guimarães, 1992, p.7). O governo de Minas Gerais chegou a assinar o decreto de desapropriação da área necessária a construção de quatro conjuntos habitacionais destinados às famílias das favelas removidas e a planejar a infraestrutura necessária à permanência de moradores em áreas já ocupadas, mas o Golpe Militar de 1964 anulou os decretos e projetos favoráveis às favelas e colocou-as como alvo da ação policial (GUIMARÃES, 1992). Dentre os muitos trechos de *Becos da memória*, é possível identificar esse conflito na passagem abaixo:

Negro Alírio estava achando tão bom ficar com Dora. Tudo era tão paz entre os dois, apesar das mil lutas que estavam acontecendo na favela e com que ele se sentia comprometido. Era preciso lutar pelo direito de não sair de onde estavam. Era preciso arrumar um advogado da justiça gratuita para Ditinha. Ela estava presa ainda. O Zé das Mercês havia se acidentado no trabalho e os patrões estavam enrolando o homem. Havia os problemas das crianças, que, com o desfavelamento, perderam as vagas nas escolas ao se mudarem no meio do ano e não encontravam vagas próximas do lugar para onde iam. (EVARISTO, 2017, pp. 112-113.)

É nesse rol de descaso que, infelizmente, o país tem suas idas e vindas na antítese, no empoderamento e na desvalorização da população proletária. Ocupação e remoção de favelas resultantes de uma pobreza construída por grupos

que representam o topo da pirâmide social, interseccionando os marcadores raça, classe e gênero como instrumentos de exclusão social, racial, econômica. Nessa obra, tal denúncia foi um achado do leitor, contudo, é possível a realização de projetos de escrita criativa que intencionam relatar essa ação.

### **Considerações finais**

O presente estudo reafirma a literatura como arquivo da Ditadura Civil Militar no Brasil que pode aparecer com marcadores outros, a exemplo do o desfavelamento, que se situam no campo semântico da urbanização. Portanto, muito há por pesquisar sobre a escrita criativa e novas categorias a encontrar. A produção literária negro-brasileira pode estar recheada de marcadores que remontam à ação e às sequelas da Ditadura Civil Militar.

Por isso, é preciso destacar a importância dos livros *A literatura como arquivo da ditadura*, de Eurídice Figueiredo (2017); *Narrativas contemporâneas: memórias da repressão* e *Vozes da resistência: ecos ditatoriais na literatura brasileira do século XXI*, organizados por Gínia Maria Gomes (2020; 2021), pelo pioneirismo temático e pela continuidade de pesquisas e de práticas educativas que estimulam novos estudos nesse campo.

No tocante à dor de não ter recebido os corpos dos parentes desaparecidos, ela atinge na mesma proporção aos membros das classes hegemônicas e não-hegemônicas. Por isso, é importante reafirmar que as obras destacadas acima são do campo da literatura, ligadas diretamente a duas linhas de pesquisa: Estudos literários aplicados: literatura, ensino e escrita criativa e Pós-colonialismo e identidades. Os estudos dessas linhas nos possibilitam olhar para os aspectos da estrutura e da linguagem utilizada nos romances literários que são escritos com o objetivo de representar questões sociológicas dos séculos XX e XXI.

No livro *Antes do passado: o silêncio que vem do Araguaia*, de Liniane Haag Brum (2012), a narradora transforma em personagem o Tio Cilon, seu padrinho, a quem ela não conheceu mas fez uma pesquisa de quase vinte anos, que resultou em um livro composto por diversas crônicas. No livro *Vozes da resistência: ecos ditatoriais na literatura brasileira do século 20* (CORONEL,

2021), a pesquisadora Luciana Paiva Coronel analisa os aspectos estilísticos da obra, isso porque a temática já está explicitada pela narrativa.

No livro *Narrativas contemporâneas: memórias da repressão* (2020), há um artigo escrito por Eurídice Figueiredo no qual analisa os aspectos estilísticos de uma obra geracional: *O fantasma de Luís Buñuel*. Ela o introduz com uma breve apresentação crítica de diversas outras, a exemplo do livro de Maria Pilla (2015). Nessa mesma obra, Luciana Coronel apresenta uma análise desse livro sob o título de “Reminiscências de uma vida individual eivada de anseios coletivos: Volto semana que vem”, de Maria Pilla.

As literaturas negro-brasileiras possuem um caráter simultaneamente histórico, atemporal e social. No campo do ensino, venho de uma tradição pedagógica de estudá-las para fruição e, ao mesmo tempo, pensar sobre a realidade que nos cerca e nas que extrapolam os limites alcançáveis pelo nosso olhar físico. Através delas é possível pensar sobre os avanços e retrocessos da política, das religiões, da economia e do uso das diferenças, seja como forma de incentivar e validar alteridades, seja como forma de reforçar processos de subalternização.

É um caminho no qual a história é um constante sankofa, símbolo andrika, que expressa a vivência do presente a partir do retorno ao passado para projetar um futuro menos hostil. Cada obra apresenta especificidades autorais que não me parecem doutrinárias, no entanto, educativas, justamente porque problematizam as realidades. Essas leituras reavivam em mim a pergunta que insiste em não ter resposta definitiva: como construir uma narrativa longa, representativa da literatura negro-brasileira sem permanecer no lugar comum a uma vastidão até aqui produzida? Penso ser esse o desafio da linha Estudos literários aplicados: literatura, ensino e escrita criativa em relação aos demais tipos de literatura.

## Referências

ALMEIDA, Reginaldo Magalhães. 50 anos do “o direito à cidade”: repensando a (re)produção dos conjuntos habitacionais de interesse social em Belo Horizonte. *Revista de Direito da Cidade*, vol. 19, n. 04, 2018. p. 2289-2314.

ALVES, Fernando de Brito; MEDA, Ana Paula. A proteção do direito à moradia adequada e sua importância para o desenvolvimento infantojuvenil na perspectiva dos direitos de personalidade. *Revista Jurídica Cesumar*, janeiro/abril de 2018, v. 18, n. 1, p. 181-207 DOI: <http://dx.doi.org/10.17765/2176-9184.2018, v. 18, n. 1, p. 181-207>. Acesso em 03 jul.2022.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Angerlânia da Costa. Favelas em Fortaleza e movimentos sociais: o reflexo do déficit de moradias (1979-1982). *ANPHU-Brasil: 31. Simpósio Nacional de História*, Rio de Janeiro/RJ, 2021, Disponível em: <1627482017\_ARQUIVO\_6c06094de62309eaba9dodedc63d3b57.pdf>. (anpuh.org) . Acesso em: 03 jul.2022.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

BRUM, Liniane Haag. *Antes do passado: o silêncio que vem do Araguaia*. Porto Alegre: Arquipélago, 2012.

CALVEIRO, Pilar. *Poder e desaparecimento*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

CORONEL, Luciana Paiva. Antes do passado: o tempo da memória em que a palavra germina o futuro. In: Ginia Maria Gomes. (org.). *Vozes da resistência: ecos ditatoriais na literatura brasileira do século XXI*. Porto Alegre: Polifonia, 2021, p. 43-59.

CUTI, Luís Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. Para não ser trapo no mundo. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 44, p. 289-302, jul./dez. 2014.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2.ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Costurando uma colcha de memórias. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, pp. 148-153.



GOMES, Gínia Maria (org.). *Vozes da resistência: ecos ditatoriais na literatura brasileira do século XXI*. Porto Alegre: Polifonia, 2021.

GOMES, Gínia Maria (org.). *Narrativas brasileiras contemporâneas: memórias da repressão*. Porto Alegre: Polifonia, 2020.

GONZAGA, Pedro e TUTIKIAN, Jane. *Escreva: guia de escrita criativa*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2015.

GUIMARÃES, Berenice Martins. As favelas como objeto de análise – desafios e perspectivas. *Anais do 26 Encontro Anual da ANPOC - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*. 2001a.

GUIMARÃES, Berenice Martins. Favelas em Belo Horizonte: tendências e desafios. *Anais do 16 Encontro Anual da ANPOC - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*. 1992.

GUIMARÃES, Berenice Martins. As favelas da Região Metropolitana de Belo Horizonte: desafios e perspectivas. *Cadernos Metrópole*, n.5, 2001b, p. 47-61. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/9296>. Acesso em 30 jun. 2022.

GUIMARÃES, Berenice Martins. As vilas e Favelas em Belo Horizonte: o desafio dos números. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. *O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015. p. 351-374.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Alvares, Francisco Rudiger, Sayonara Amaral Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

LITWINSKI, Fernanda Fortes e ARANHA, Flora Augusta Varela. Conflito entre a dimensão negativa do direito à moradia e o direito à conservação do patrimônio histórico cultural: uma solução não extraível dos manuais de direito constitucional. *Revista de Direito Urbanístico, Cidade e Alteridade*. v. 1 | n. 2 | p. 214-239 | Jul/Dez. 2015. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistaDireitoUrbanistico/article/view/62/58>. Acesso em 03 jul.2022.

MELO, Tatiana Soledade Delfanti. *A Vila Santa Isabel na Avenida Afonso Pena: A experiência positiva da moradia popular em região central de Belo Horizonte*. 233p. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

NATÁLIA, Livia. Intelectuais escrevintes: enegrecendo os estudos Literários. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 206-224.

NOA, Francisco. As falas das vozes desocultas: a literatura como restituição. In: GALVES, Charlotte; GARMES, Helder; RIBEIRO, Fernando Rosa (orgs.). *África Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010.

PILLA, Maria. Regina. *Volto semana que vem*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

RAWET, Samuel. *Contos do imigrante*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.

SCHMIDT, Simone Pereira. A força das palavras, da memória e da narrativa. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, pp. 143-147.

SILVA, Joilson Cruz. *Da infraestrutura urbana e desigualdade socioespacial na cidade de Salvador – Bahia*. [Tese de Doutorado]. Rio Claro-SP, 2016. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/11449/139454>. Acesso em 02 jul. 2022.

SILVEIRA, Maria José. *O Fantasma de Luís Buñuel*. 2. ed. São Paulo: ZLF, 2013.

SOARES, Antônio Mateus de Carvalho. *A inserção de conjuntos habitacionais populares no tecido urbano de Salvador*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo na USP. São Carlos-SP, 2007.

SOUZA, Izanete Marques; MALACHIAS, Rosângela; RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco; SILVA, Ana Lúcia Gomes da. Educação emancipatória: fortalecimento de Identidades e de direitos. In: SOUZA, Izanete Marques; BRITO, Vera Lúcia Fernandes de; RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. *Educação Emancipatória: Entre Experiências Pedagógicas, Diversidade e Transgressões*. Curitiba-PR: Editora Appris, 2018. p. 16-36.

[Artigo recebido em 12 de novembro de 2022 e aceito em 20 de abril de 2023.]